



Ensaio sobre Antropologia Ribeirinha: premissas epistemológicas para conexões apaixonantes e vidas emaranhadas com e no Baixo rio São Francisco

Igor Luiz Rodrigues da Silva¹

Resumo

A Antropologia brasileira, com a implementação cada vez mais substancial e abrangente das políticas de ações afirmativas nas Universidades, incluindo aí os programas de pós-graduação, tem passado por processos de transformações epistemológicas que dialogam, as duras penas e com muito enfrentamento político, com as demandas de alunos, alunas e alunes, pretos, pardos, quilombolas, indígenas, LGBTQIPA+ e com deficiências, provocando rupturas, encontros e alargamento de saberes, fazeres científicos. Inspirado por movimentos decoloniais, cosmológicos, de saberes ancestrais que se perpetuam através das oralidades afro-indígenas, de comunidades ribeirinhas, este ensaio busca lançar algumas questões para a construção do que venho chamando e propondo acerca da antropologia feita no quintal de casa e às margens do rio São Francisco, “Antropologia (s) ribeirinha (s). Desde que formulei pela primeira vez essa narrativa epistemológica, ainda na tese de doutorado defendida em 2022, tenho me debruçado com mais atenção para essa questão, afim de narrar e descrever mudanças significativas de paisagens, práticas, relações humanas e mais que humanas, especialmente na região do Baixo São Francisco, entre Alagoas e Sergipe. Neste sentido, procuro estabelecer e me aprofundar sobre as bases que sustentam (em um primeiro momento) essa ou essas Antropologias ribeirinhas, entendendo que ela é (ou deva ser) epistemológica, mas também metodológica e conceitual, calcada nas inderteminações, nas conexões apaixonantes, de se deixar guiar pelas emoções, pelo amor, pela vida em frenéticos devires, mas também pelo sofrimento, das angustias demarcadas nos corpos que mergulham, nadam, pescam, se educam e se espiritualizam no tecer de novas marolas de destruição ambiental presentes no Opará.

Palavras-chave: Antropologia Ribeirinha, Rio São Francisco, Epistemologias, Paisagens, Fazer científico.

¹ Doutor em Antropologia Social/ docente da FASVIPA e membro do CANOA- PPGAS/UFSC. Secretário Executivo Municipal de Cultura de Pão de Açúcar- Alagoas.

1 Introdução

Pão de Açúcar, 11 de novembro de 2023, calor intenso castiga o sertão alagoano nas margens do rio São Francisco. As serras que cercam este pequeno município, estão com suas vegetações secas, ressecadas. Cercando a terra de Jaciobá, inúmeras serras formam uma espécie de caldeirão fervente e que colocam a cidade dentro dele. Cinco dias antes, o fogo se espalhou nas proximidades da serra do saco grande, chegando a beijar o rio. O incêndio só foi controlado dois dias depois.

Altas temperaturas tomam conta das ruas, dos corpos, dos animais, do cotidiano, junto a isso, provocando desgastes físicos e emocionais em grande parte da população. Pão de Açúcar é reconhecida nacionalmente, tanto pelos elevados índices de calor, e mais recentemente pela baixa umidade do ar. No final de outubro chegou a registrar 8% de umidade, fato noticiado pelo Jornal Nacional. Como pode então, uma cidade que é banhada pelo rio, ser tão quente assim?

Margeada pelo Velho Chico, e acompanhada por quatro quilômetros de uma enorme faixa de areia, a qual chamamos de croa, talvez esteja aí uma das razões do intenso calor. O rio junto com a croa, absorvem o calor proporcionado pelos fortes raios solares. É na croa, ou nas pequenas croas, porque existem outras tantas espalhadas, nesse trecho do rio, entre Sergipe e Alagoas, que a minha “Antropologia Ribeirinha”, começou a ganhar vida, ainda em 2017.

Foi mirando, caminhando, contemplando, observando, imaginando e sonhando, que entendi e ao menos puder começar a compreender, que o encontro do rio com a croa, do rio com as pessoas, das águas com o vento do fim de tarde, com as marolas, com os animais, com as plantas, com as canoas, com o meu próprio corpo, poderia ser objeto (s) de análise da antropologia.

Desde o princípio desta mirada antropológica, firmei o ponto na ideia de que não queria e nem pretendia construir um trabalho focado apenas no se debruçar sobre um único “objeto”, dentro desse universo múltiplo que é o rio. Não era e não poderia ser uma análise centrada em uma única realidade, mas nas várias camadas produzidas por um mesmo lugar, pela multiplicidade de mundos contidos em um só.

Este lugar é o rio, não como um ser acabado, finalizado, enraizado em si mesmo, mas como implicação de vários desdobramentos, vários fundamentos ontológicos,

perceptíveis, táteis, sensoriais, olfativos, performativos, fonte inesgotável de saberes, práticas, técnicas, habilidades, oralidades e mundos. É um ser continuamente forjado pelos seus encontros, desencontros, intederteminações, paisagens e confluências.

Foi nesse devir, nessas encruzilhadas narrativas, confluentes e “desequilibradas”, que fui sendo atravessado o tempo todo, nas escritas multiplicadas e multiplicadoras de experiências, caminhos, encontros e desencontros entre mundos que estão interligados por um elemento central: O rio, suas águas, suas marés e as divindades que transitam nesse meu corpo múltiplo e multiplicador de narrativas.

Desde 2015 quando me descobrir cercado por Orixás, Entidades, seres ancestrais, que questionamentos acerca da universalidade de pensamentos, de teorias calcadas em conceitos filosóficos e antropológicos eurocêntricos, etnocêntricos, ganharam mais força e sentido, encontrando no Opará (rio mar, no universo dos povos originários tupis que habitavam essa região), o potencializador dessa virada epistemológica.

Enquanto escrevo esse texto, o rio me abraça. O vento que chega sempre no final de cada tarde, me sacode, me movimenta, entra de casa a dentro e alivia as fortes ondas de calor de um dia inteiro. Enquanto o sol se põe lá nas bandas do morro do saco grande, do outro lado do rio, em Sergipe, garças, vindas das lagoas que cercam Pão de Açúcar, atravessam o rio em direção ao morro do Ayó, para pernoitarem.

Elas estão fazendo seus próprios movimentos epistemológicos, voando em bando, nunca sozinhas, sempre acompanhadas por outras companheiras, outras espécies e pelo próprio vento, que vindo do sul em direção ao norte, ajuda nos movimentos mais rápidos e intensos. Precisamos aprender com as garças a fazer caminhos colaborativos e adaptações nas ruínas.

Assim que os primeiros raios de sol saem no dia seguinte, as garças fazem o caminho de volta, indo em direção as lagoas e vegetações mais afastadas do rio, em busca de alimentos, e sossego, pois bem sabem que o dia será ainda mais quente e agitado nas bandas de cá.

Lanchas, barcos, motos aquáticas, canoas, pessoas, vão ocupar não só as margens, mas também o próprio rio, construindo relações muitas das vezes daninhas, perigosas, destrutivas, mas também de encantamento, de experiência, de abundância com o rio,

com outras pessoas e com o próprio calor. O rio é o agente aglutinador de tantas miradas, de tantas vontades e desejos.

Essas lagoas, que também fazem parte da paisagem ambiental de Pão de Açúcar e do próprio rio, são classificadas pela própria população, de acordo com a seu posicionamento geográfico dentro dos limites da cidade. São lagoas que desenvolviam fundamentais atividades agrícolas, com destaque para a produção de arroz e pequenas plantações de feijão, algodão, milho, que se adaptavam bem em colaboração com a produção principal.

Antes das grandes construções de infraestruturas, como barragens, hidroelétricas, lagos artificiais em todo o rio São Francisco, em todos os cantos do Baixo rio existiam lagoas e incutidas nelas, plantações de arroz e os encontros de saberes, tradições, confluências humanas e mais que humanas. O rio era formador de tantas possibilidades, de tantas memórias e que foram sendo silenciadas e apagadas. Mulheres e homens negros, descendentes dos povos escravizados e originários, ali fincavam seus saberes, seus passados e seus futuros.

A lagoa de cima, situada entre os bairros da Cohab, Alto Humaitá e Praça 13 de maio, está completamente seca, dando lugar a enormes arvores, com destaque para as algarobas, mandacarus e outras espécies típicas da caatinga. A lagoa do meio, está situada entre o Alto Humaitá e o Alto Fonseca, pegando parte do Campo Grande. Nessa lagoa ainda hoje é possível encontrar água, que se acumula através dos poucos dias de chuva, com os esgotos que correm, vindos das diversas ruas do seu entorno.

A outra, é a lagoa de baixo, conhecida também como a lagoa do Itororó, Abayti. Ela é a única que ainda recebe água do rio em períodos de cheias, mas não mais produz arroz. Sua abrangência vai desde o pé do morro do Itororó, passando pelo Abayti, chegando até as comunidades chamadas de Altinho e Alto Zé Ferino, cortando ainda trechos da principal entrada da cidade pela AL 220.

Vindas dessas lagoas, as garças sobrevoam o rio entre às 16:40 até umas 17:20, mas não sobem diretamente para o morro do Ayó. Antes elas se fixam na ponta da croa do Saco Grande, na entrada e saída do riacho que leva o mesmo nome, até que por volta de umas 17:25 até umas 17:40 estejam todas penduras nos galhos da vegetação da cantiga que encobre o morro.

Ao longo dos meses, tenho observado mais de perto as garças, registrando através de vídeos, de fotos, levando amigos para observar junto comigo o estabelecimento destas relações, essas confluências ribeirinhas que tem acontecido com mais frequência nos últimos anos. Nem sempre o morro do Ayó foi morada das garças e de outras espécies que também tem pousado por lá e se foram, sempre passou despercebido.

Para além de estar vendo de perto e observando essas manifestações vivas e intensas acontecerem cotidianamente no e com o rio, é possível ainda mensurar de forma contumaz, o ir e vir de pescadores, crianças, jovens, mulheres, idosos, turistas, barqueiros, canoas, balsas, carros, caminhões, fazendo e refazendo caminhos, cruzos, possibilidades incontáveis de mundos.

Crianças brincam fora e dentro do rio. Se educam, interagem, criam suas próprias relações com ele, com muitos outros seres que estão dispostos e dispersos nas margens e dentro do São Francisco. Foi assim que desde a infância que o rio se apresentou para mim, aberto, livre, mergulhado em suas próprias correntezas.

Se hoje eu consigo narrar práticas, experiências, memórias, histórias e sonhos “do, com e no” Opará, foi justamente porque percorri um longo caminho, aprendendo, me educando, moldando o próprio corpo, minha consciência e olhares. Aprendizagem não como mero repasse de conhecimento, mas a partir do afeto familiar, das relações baseadas no cuidado, de olhar para o rio como um ente familiar, do reconhecimento de ciclos, de rompimentos, das correntezas.

Neste artigo, tentarei demonstrar e estabelecer como tenho pensando, formulado, o que venho chamando de uma “Antropologia Ribeirinha”, salientando em primeiro lugar, que ela nasce de um desejo particular, íntimo de chamar atenção para os problemas ambientais, ferais, ecológicos pelos quais passa o rio São Francisco, em especial nos últimos trinta anos, sem deixar de questionar os meandros do seu longo processo de colonização, violência, invasão de forma mais gradual e intenso dos últimos quinhentos anos.

Posto isso, é importante ressaltar, que a Antropologia Ribeirinha descrita aqui, é particular. É um pequeno fragmento do extenso rio que percorre naturalmente, cinco estados e tem uma gigante bacia hidrográfica, é múltiplo, diverso. É antropologia feita nas margens do rio, na região do Baixo São Francisco, entre Alagoas e Sergipe, e por isso

mesmo, ela é fruto de um olhar íntimo, mergulhado no que vivo, percebo, ouço, descrevo, sonho, bebo, me alimento, como ser partícipe das relações cotidianas que acontecem aqui e agora.

Tudo me interessa nessas bandas de cá, nessas margens povoadas por encontros, desencontros, rupturas, indeterminações, frestas, encruzilhadas, que tentam afastar as especulações e as interpretações em separadas das vidas, múltiplas vidas sendo vividas pelo próprio rio, em suas margens e dentro dele.

Passados mais de três anos desde quando comecei a escrever as primeiras linhas da minha tese, no meio da pandemia do Covid- 19, em junho de 2020, dadas as minhas dificuldades de escrever conforme manda a “boa cartilha canônica da antropologia”, rabisquei os primeiros versos, que ao que tudo indica, foi transcrita por mim e ditadas pelo rio, já que ao passo que ia escrevendo, lágrimas desesperadas caíam dos meus olhos. O trecho foi transcrito assim:

Chegou a hora de subverter essa caminhada, essas narrativas que expõem os olhares sobre mim, e que construíram imaginários sobre algo e ou alguém que parece não tem vida própria, e por isso mesmo, é dependente de outras manifestações sociais, políticas, culturais e econômicas. Esta ressignificação da minha história, será contada por um menino, que desde o ventre de sua mãe, foi acolhido por mim, e que vive e dorme nos meus sonhos, mergulha e se despede sempre nas minhas águas, nas minhas margens. Encantado, traçou um caminho natural, ele me escolheu como curso natural a seguir, como uma canoa que desliza, seguindo seu curso, seu rumo, sem pensar somente em si. Sempre que ele pensa em ir, é na minha margem esquerda, no pedacinho do sertão, que ele vem sem banhar, se aconselhar, me ouvir, conversar, com os olhos cheios de lágrimas, ele prometeu me defender, me ajudar a contar, mesmo que fragmentada, a história de quem eu fui e a história de quem eu sou agora. Minhas memórias, são minhas, assim como meus afluentes são meus, e sobre as quais ele não tem acesso por completo e ninguém nunca terá. (SILVA, 2022: 92-93).

A seguir, demonstrarei como através desse fragmento retirado do primeiro capítulo da tese, pode fornecer pistas de como imagino, concebo e materializo a Antropologia Ribeirinha e de como ela sempre pode ser apresentada tanto para a comunidade acadêmica, mas principalmente para as coletividades que ajudam a tecer, compor e moldar as vidas ribeirinhas em suas múltiplas vertentes e possibilidades.

A Antropologia (s) Ribeirinha (s) que quero produzir e que defendo, tem como fundamento o olhar apaixonado para além das margens. Ela é pensada e feita através dos

arrepios que brotam do contato com a água, com o vento. É tecida através da respiração profunda, do fechar dos olhos, da conexão entre corpo (matéria), alma, espírito (s), divindades e entidades mais que humanas. O rio como potência viva, força, alteridade e simbiose.

De forma bastante direta, os objetos dessas Antropologias Ribeirinhas devem ser os cruzamentos, as marolas, que fazem os corpos dançarem, os peixes pularem para fora da água. Que faz a canoa descer ou subir o rio quando seus motores e ou panos estão conectados, nas relações encruzilhadas na formação, continuidade e rompimentos das múltiplas paisagens.

2 O rio como paisagem (s) protagonista (s)

Pensar o rio São Francisco como protagonista, como uma (várias) paisagem (s) que assume (m) a centralidade (sem ser centralizadora) das narrativas, como nos propõe Anna Tsing (2019), é pensar também, o rio como fundamento ancestral, que possibilita ser evocado, na tentativa de construir outros modos de vida e de se viver, de descolonizar o pensamento, de cogitar um futuro com mais equilíbrio, menos racismo e violências, como bem expressa Ailton Krenak (2022).

Quando li Anna Tsing pela primeira vez, demorei a entender o que ela estava querendo nos dizer acerca do protagonismo da paisagem e ou de como florestas, rios, podem nos ajudar a pensar modos outros de nos organizarmos socialmente, culturalmente, economicamente, simbioticamente. De que paisagens, são mais que objetos, são sujeitos interativos, relacionais, vivos, produtoras de memórias.

De como as dinâmicas interativas entre humanos, não humanos, do presente e também do passado, podem nos fornecer pistas de como queremos e não queremos viver daqui para frente ou melhor ainda, quais são os caminhos possíveis para que a vida seja experienciada em ritmos “simultaneamente apaixonantes e calmos”. Fornecendo novas maneiras de produzir narrativas, ritmos e lugares. Ao passo que podemos nos inspirar para pensar novas composições políticas e ontológicas de ocupar as ruínas.

Paisagens aqui não são, de modo algum, meramente contemplativas, mortas, prontas e acabadas. Pelo contrário, estão em contínuos processos de renascimento, assim como os rios são feitos e refeitos a partir de suas nascentes. O que seriam dos rios sem as

suas nascentes? O que seria de nós se não tivéssemos a capacidade de respirar, compor as tramas relacionais que nos sustentam, de sonhar?

Assim também devemos entender as paisagens, como teias relacionais, em que componentes humanos e sobretudo, seres outros mais que humanos, animais, fungos, bactérias, vento, moléculas de água, plantas, raízes se moldam, se estabelecem em processos de habitabilidade, em que tudo é passível de união, ressurgência, de reconfiguração, também de confronto e criticidade.

Paisagens como processos de habitabilidades plurais, simbióticas, que mesmo no campo da microecologias, são fundamentais para compor vidas, mundos, técnicas, habilidades e, por conseguinte, memórias e tradições, que diferem dos modos pelos quais o habitar colonial foi sendo moldado ao longo dos séculos em terras invadidas, reduzindo atos, ações, ontologias aos particularismos violentos do saber eurocêntrico.

O habitar colonial é explicitamente ligado ao gênero. Trata-se de massacrar os homens e de violar as mulheres, opondo os selvagens aos habitantes. O habitar colonial foi estabelecido sobre o massacre dos ameríndios e a posse do corpo das mulheres ameríndias, verdadeira execução do princípio do altericídio. (FERDINAND, 2022: 52-53).

Quando há exploração, quando há hierarquização, quando há domínio, há desequilíbrio, violência e morte. Sem temer, a mão humana desregula o tom, desafina, desalinha a paisagem, as paisagens. Pinta tudo com o cinza do concreto, do cimento, do caos. Em meio a tanta poluição, desmatamento, sangue, seca, racismo, há tempo para novas convergências? Ainda podemos contar histórias reais e fascinantes sobre a vida? Queremos mesmo que as cores, diversidades sejam notadas em meio as catástrofes?

Enquanto estamos lendo essas linhas, outras linhas, dispersas, fluidas, confluentes se entrelaçam, forjam o raiar dos dias, compõem as melodias das canções que embalam canoeiros, barqueiros e pescadores. Não são linhas metafóricas, irrealis, que estão apenas no campo da suposição, dos achismos. Como diz Tim Ingold (2022), “As linhas – insisti – são em si mesmas um fenômeno. Elas estão aqui, em nós e à nossa volta. Na verdade, não há como escapar delas, pois em qualquer tentativa de fugir nós só colocamos mais uma.” (INGOLD, 2022: 17).

Porém, é importante salientar que se quisermos e estivermos tentando compor novas melodias epistemológicas e etnográficas, não podemos tomar as linhas como sendo

estruturadas por caminhos retos, alinhados, sincronizados. As linhas com as quais estamos empenhados em seguir e narrar, nos contam histórias emaranhadas, vivas e reais.

Os rios, como construções múltiplas, dançam no bailar dos ventos, das águas, das tempestades, no cair das chuvas, nos redemoinhos, nas correntezas, nas corredeiras, atravessando pontes, não são feitos por linhas retas e rasas. São composições profundas, dotadas de camadas ondulares, simbióticas em cada margem, tomados pela diversidade, que se mescla e se refaz continuamente.

Quando assumo o compromisso de pensar e descrever, assim como faz Anna Tsing (2019), a paisagem e ou paisagens como protagonistas, é para colocar em primeiro plano as camadas que a escrita colonial eurocêntrica, racista, violenta e imperialista, conscientemente conseguiu apagar e silenciar. Criando, nas palavras de Malcom Ferdinand (2022), “uma terra sem mundo”.

Não por completo, por mais que tenha tentado e em muitos momentos, aprimorado, é fato. Porque mesmo com todas as opressões, com todas as barbáries, retomadas aconteceram, ressurgências se fortaleceram, tradições foram ressignificadas e moduladas pela força dos encantados. É plural e singular, porque ainda habitam aqui e aí, acolá, os ancestrais que povoaram cada canto, cada croa, cada beira de rio.

Eles e elas continuam a se perpetuar através das oralidades, dos cantos, das rezas, da pisada forte nos terreiros de chão de terra, do cavalgar dos vaqueiros, dos boiadeiros pelo solo árido e rico do sertão. Existem linhas que fazem paisagens sendo moldadas no tecer das redes de pesca, no jogar dessas mesmas redes. No navegar das canoas e botes.

A paisagem e ou paisagens estão cheias de anzóis, que rompendo a superfície, encontram as pirambebas, as piranhas, o piau três pintas, as traíras. São objetos técnicos, que em contato com outros seres, se transformam, se moldam através das experiências cotidianas. O olhar do colonizador, não é o mesmo de quem é peixe, cardume, canoa, pescador, indígena, quilombola, ribeirinho e rio.

Aprender mais sobre essas associações muda a experiência de nossos próprios corpos e dos lugares que habitamos. “Nós” somos ecossistemas que ultrapassam fronteiras e transgridem categorias. Nosso “eu” emerge de um complexo emaranhado de relacionamentos que só agora se torna conhecido. (SHELDRAKE, 2021: 27).

Estabelecer esse entendimento de que paisagens devem ser lidas e redefinidas como protagonistas, parte então deste lugar habitado pelos nossos corpos, pelas nossas relações, pelas memórias coletivas que nossas famílias, nossos antepassados constroem, se alimentam, evocam ao passo que estão forçados a mudar suas próprias concepções de mundos, de existências e experiências.

Em África, os nossos antepassados cultuavam e sabiam que os ventos, a terra, o arco-íris, a água, a chuva, as borboletas, a lama, o barro e fogo eram deuses. Do mesmo modo, sabiam que esses seres são feitos de tempo, de folhas, de raízes, de estrelas, sons, de luz e de dança, de encantamento. Fundamento do saber, de toda criação e transformação, as paisagens dos povos africanos são vivas, dotadas de infinitas encruzilhadas, mandíguas, incorporações, longe de qualquer composição singular e estritamente patriarcal.

É só através do encantamento, principalmente pelo feminino, que a Antropologia Ribeirinha nasce, começa a se proliferar, ganha aspectos de cooperação entre diferentes saberes, sentidos, técnicas e habilidades. É só pelo poder do encantamento de Oxum (água doce), Iemanjá (água salgada e também doce), de Iansã (ventos, tempestades), junto com Nanã (barro, lama, mangue), que poderemos compreender e dar um novo sentido para o pensamento utópico, transgressor.

Epistemologia forjada nas formas plurais de insurreição, contradomesticação do que está posto dentro da ciência canônica. Através delas é que podemos pôr em prática nossas guinadas para defender os mundos plurais e descentrados do universalismo, da homogeneização, do poder do patriarcado cristão como nos diz Françoise Vergès (2020)²:

Queremos pôr em prática um pensamento utópico, entendido como energia e força de insurreição, como presença e como convite para sonhos emancipatórios, como gesto de ruptura: ousar pensar para além do que se apresenta como “natural”, “pragmático”, “razoável”. Não queremos construir uma comunidade utópica, mas restaurar toda a sua força criativa em sonhos de insubmissão e resistência, justiça e liberdade, felicidade e bondade, amizade e encantamento. (VERGÈS, 2020: 136).

Paisagens como protagonistas, proporcionam abrir os porões dos navios coloniais, mergulhar em oceanos outros mais do que aqueles traçados pelo olhar eurocêntrico,

² VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020

imperialista e racista. E ser potência criativa, que refaz histórias, reestabelece fundamentos. É boca que tudo come, fala e não faz distinção, como nos oferece os corpos múltiplos de Exu e do próprio rio.

O rio como paisagem múltipla, aberta, inconstante, reafirma o seu compromisso de não se ater a uma única linha de pensamento, conhecimento, estratégia de dominação pela força, pela exclusão. É água que corre livre (embora por vezes aprisionada pelas infraestruturas imperialistas) e desemboca no mar, sem temer, sem vaidades, porque lá ele se doa para que outras vidas possam invocar seus simbióticos processos de habitabilidade e existências.

Quando optávamos por conceber nossas produções científicas e acadêmicas pela lente das teorias hegemônicas, pelas ideologias ocidentais, raciais, culturais e religiosas do velho mundo, escondíamos os sentidos palpáveis, as alianças instáveis que são fontes de todos conhecimentos. Não considerávamos que a natureza, seus padrões comportamentais, suas lutas, suas agências, são mais que objetos, são deslocamentos que superam a dor da escravidão, do medo e do pavor.

Malcom Ferdinand no seu livro “Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho” (2022), nos oferta a possibilidade de atravessar nossas histórias mais gerais e fincar nossos pés e olhares em saberes e narrativas mais locais, mais particulares, capazes de nos oferecer deslocamentos possíveis de questionar o que está posto e que nos foi dado como certezas absolutas.

Assim como ele faz do mundo caribenho, “um palco de pensamento da ecologia.” (FERDINAND, 2022: 33), tenho proposto e insistido na ideia de que é possível pensar novas epistemologias, novas formas de tecer narrativas antropológicas a partir do rio São Francisco. O rio não como objeto, mas como corpo fraturado, rasurado, que resiste e reinventa para si paisagens entrelaçadas, como as que surgem aqui, agora na beira do rio, entre Alagoas e Sergipe.

Que sua vida, seu corpo múltiplo, aglutinador, é anterior aos processos colonizadores, invasores, violentos. Que dentro de si, nas suas margens, processos simbióticos acontecem para além das vontades humanas, domesticáveis. Que mesmo com tanto aprisionamento, com tanta poluição, ressecamento, ainda é possível ler o rio através das retomadas dos povos originários, das práticas dos pescadores, ribeirinhos.

São bancos de areia que surgem no meio do rio e que abrigam novas interações, comunicações, rotas de coalizão e confronto entre o rio do presente (seco, poluído, sem peixes, represado), com o rio do passado (abarroto de peixes, de grandes embarcações, crustáceos e corpos não violentados), que também possibilitam essas contradomesticagens.

O rio como esse devir reflexivo, protagonista, é também um ser político, que reivindica, que promove, que aglutina, que sabe viver junto e por isso mesmo nos ensina como fazer nossos próprios mundos, nas miudezas, nas lentidões, nas indeterminações que não coadunam com o terror colonial.

Pensar a partir do rio e no rio, é enriquecer a nossa própria experiência ribeirinha. É sermos também, paisagens abertas, contracorrentezas, linhas emaranhadas e não lineares. É poder narrar em primeira pessoa, a partir dos nossos corpos, gestos, sons, nados e mergulhos as experiências que não encontramos nos livros, nos jornais, nas revistas, na TV e na própria ciência acadêmica.

É também um convite para denunciar, confrontar, fazer ouvir as palavras de um rio que geme de dor, que vê na erosão, no desmatamento, na ocupação irregular de suas margens, sua destruição acelerada pelo poder imperial, colonial.

O rio desde sempre fez e faz emergir diversidade, a pluralidade, seja através dos animais, bactérias, plantas, compostos orgânicos, água, mas essas contaminações, nos moldes de Anna Tsing (2019). Mas elas nunca foram narradas, não foram tomadas como fundamentais para promover conhecimento sobre as realidades existenciais do próprio rio.

Neste ponto, estabeleço as múltiplas vidas do rio como sendo, por experiência própria, tomadas por paisagens multiespecies (TSING, 2019), feitas por perturbações lentas e também aceleradas, que neste momento histórico, desajustadas mais para o lado das acelerações imperialistas e industriais, provocam extinções de espécies (especialmente de peixes e crustáceos), e por outro lado, tomadas por proliferações de violências, plantas e macrofitas aquáticas (lodo, baronesas,) e também de caramujos.

Para encerrar, temporariamente este ponto, as “minhas” paisagens protagonistas, as que se formam aqui, entre Alagoas e Sergipe, nos sertões alagoanos e sergipanos, são próprias deste ambiente-tempo, são únicas ao longo de todo rio. As vidas que são forjadas

aqui, através das relações humanas, mais que humanas, animais, ecológicas, cósmicas, ancestrais, só podem ser narradas a partir daqui, com o rio que fala a partir de seu ponto de expansão.

Por isso mesmo, a Antropologia Ribeirinha que estou defendendo, promovendo e metodologicamente construindo, não é universal. É interativa, através das trajetórias e memórias que se constituem aqui, com ideterminações, com ações de contradomesticação de corpos, técnicas, habilidades e tradições. Com retomadas indígenas, quilombolas, que possuem suas especificidades, suas singularidades, seus modos próprios de compartilhamento de mundos, como a experiência Afroindígena entre quilombolas do Mocambo e os indígenas Xokós, nas margens sergipanas do rio.

3 Sonhos como fundamentos epistemológicos (contradomesticações)

Vivemos em uma sociedade que nos convida a não sermos sonhadores. Que não valorizam aqueles e aquelas que dividem os pesos dos seus dias com os sonhos. Então, como você se relaciona com seus sonhos? Como você dialoga com eles? Se alimenta deles nos processos cotidianos? Você é uma pessoa sonhadora, do ponto de vista materialista? E espiritualmente?

Neste trabalho, e nas minhas confabulações epistemológicas, os sonhos assumem um lugar central, como propulsores do despertar de novas possibilidades de olhar para o cotidiano, de aprender novas linguagens, novos sentidos de pertencimento de si mesmo e daqueles territórios que estão em sua volta, como nos fala Ainton Krenak (2020).

Os sonhos são fundamentais para o funcionamento e construção de uma dada comunidade indígena, para continuidade da vida após a morte, para manter diálogos com os antepassados. Para as religiões de matriz africana não é similar, mas também não é diferente.

Os sonhos fazem parte dos processos de alto descoberta, de renascimento, de encantamento, de aprendizagem e também de manter vínculos contínuos com as entidades que interferem nas tomadas de decisão, no cuidado, no caminhar de filhos e filhas de santo, na apropriação de saberes e afetos que moldam as construções relacionais.

O que sugere também que o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho *afeta* o mundo sensível; de como o ato de conta-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer,

apresenta-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível. Quando o sonho terminar de ser contado, quem escuta já pode pegar suas ferramentas e sair para as atividades do dia: o pescador pode ir pescar, o caçador pode ir caçar e quem não tem nada a fazer pode se recolher. Não há nenhum véu que separa o cotidiano e o sonho emerge com maravilhosa clareza. (KRENAK, 2020: 37-38).

E assim, trazendo à tona essas relações de afetos meus com o rio, com meu próprio passado, com as vinculações afetivas com minha família, que sonhos foram sendo fundamentais para expandir e alargar a minha própria compreensão sobre a verdade que se esconde por detrás dos muros e cercanias que encobrem o rio como um ser vivo e que é capaz de se comunicar. Através de Orixás, Entidades que mediações foram sendo construídas, que caminhos e linhas foram traçadas, rearticuladas, que palavras foram ditas, reescritas e impostas.

O rio se comunicou comigo diversas vezes através dos sonhos, porque eu também estava aberto e preparado para recebe-lo, seja pela minha condição de ribeirinho, seja pela minha condição de umbandista e ou talvez pela junção de ambas nesse novo processo de recolamento da vida.

Nunca deixei de sonhar, nunca estive descolado deles e nesse processo de realinhamento entre minha caminhada antropológica e a vida ribeirinha, tive muitos sonhos, demonstrando que ao mesmo tempo em que faço caminhadas no tempo presente na beira do rio e dentro dele, eu também fui e estou sempre sendo transportado para debaixo d' água, sendo encoberto pelas marés, pelos encantos, sem saber quanto tempo aquele momento poderia durar.

Dia após dia, sonhando sendo protegido tanto pelas cobras, que me rodeavam, tanto pelo arco-íris que cobria o céu azul e cinzento das tardes chuvosas, eu estava a me comunicar com o rio e com o eu criança, adolescente, que perambulava na companhia de outras crianças e adolescente, forjando meus próprios caminhos, sem fazer muitas separações racionais sobre o que era gente, rio, peixe e sonhos.

Era comum também, sonhar com corridas de canoas. As corridas de canoas estão sempre acontecendo, hoje com mais frequência e competitividade. Subindo e descendo o rio. Todas as vezes que acompanho de perto uma corrida, eu sempre sinto e percebo a presença do meu avô. Sempre me emociono (enquanto escrevo essas linhas, uma borboleta de cores alaranjados, acabou de passar por aqui)³. Eu sempre me arrepio e lágrimas escorrem dos meus

³ Trecho retirado da tese de doutorado, defendida em outubro de 2022.

olhos. Sua presença é ancestralizada por cada vela que se levanta diante do vento, por cada rasgada da canoa por sobre às águas do Opará. “A proximidade com essas narrativas expande muito nosso sentido de ser, nos tira do medo e também o preconceito contra os outros seres. Os outros seres *são* junto conosco, e a recriação do mundo é um evento possível o tempo inteiro.” (KRENAK, 2020: 70-71).

Não quero e nem desejo aqui fazer ou realizar interpretações de sonhos, mas é importante salientar que aqui a tarefa que me cabe, enquanto ribeirinho e ao mesmo tempo antropólogo e umbandista, é fixar de uma vez por todas a importância, que se faz urgente, de construir pontes que nos permitam enquanto humanos instalados no mundo das mercadorias, enquanto seres carregados de antropocentrismo, fazer descolamentos e deslocamentos nos mirando para olhar os mundos que nos cerca com outros olhares, trazendo para a nossa realidade, realidades que estão encortinadas por detrás dos sonhos, das cantigas e cânticos dos Orixás, pelas borboletas pequeninas nos céus de Aruanda.

Até os dias de hoje, muitas das vezes me vejo preso e ou fixado pelo poder desses sonhos, que me proporcionam criar afinidades, laços, conexões e reelaborar cotidianamente marcas de memórias que me puseram frente a frente com minhas próprias experiências. São corporais, sensoriais e de práticas sendo exercidas com e no rio. Este último sonho, se fixa ainda mais distante, misturando elementos de um passado recente com um passado cujas regras, normas e afinidades ribeirinhas eu não pude acompanhar.

Sempre fiquei a imaginar como seria viver nos tempos das canoas de tolda. Qual era a sensação e quais prazeres podiam despertar em mim, por subir e descer o rio nas velhas canoas? Muitas pessoas realizaram esse desejo, minhas tias, meus avós, meus pais em um curto período de tempo, todos eles e elas, foram conhecedores de outras margens, de outros portos, através das canoas de tolda. “O sonho, nesse caso, se expressa como uma espécie de alargamento do tempo, do espaço e da fruição das linguagens que possam mobilizar outras maneiras de sentir a vida.” (RUFINO, 2021: 24).

No dia 09 de novembro de 2021, tive mais um sonho, que me revelaria outra prática bastante comum, para as populações ribeirinhas, especialmente para as comunidades tradicionais quilombolas e indígenas, que possuíam como tarefa cotidiana a arte de transformar o barro das beiradas, em produtos e utensílios para o lar. O barro, domínio fundamental do culto a Nanã Burokê, do qual itans contam que ela a pedido de Oxalá moldou o humano através

do barro e deu vida a humanidade, era usado por essas comunidades para o fazimento de panelas, pratos, jarros, quartinhas, fogões.

Nanã em seu princípio divinizado, nos ensina que o barro, juntamente com a lama, com mangues e terras inundadas, são processos contínuos de vida e morte, de sonhos materializados nas tessituras dos dias. Para um Umbandista, para um ribeirinho umbandista, todas as coisas ao seu redor têm espírito, tem alma, tem vida. Até mesmo o silêncio das manhãs possui algo que deve compreendido, aprendido, ensinado. As vidas acontecem sem que nós, humanos estejamos preparados para compreendê-las, vê-las e ouvi-las. Há muitas vidas sendo realinhadas longe das nossas miras e observações.

O espírito do sonho, é esse ser capaz de nós desafiar a voltar a experienciar o corpo, os corpos, sendo conduzidos com fluidez pelo mundo, pelas águas do São Francisco. Pelo Opará, pela Oxum e por Oxumarê como cobra que molda o rio e faz dele caminhos abertos de infinitas possibilidades. O mundo dos sonhos e dos Orixás, com todas as suas encantarias são elos, pontes, que nos ligam ao mundo ancestral, que me conduz a dialogar com os meus antepassados e traze-los para as linhas que escrevo e narrativas que entoou como cânticos de louvação por tudo que já foram, fizeram e ensinaram.

O esquecimento como parte de uma política de morte plantada pela dominação colonial provocou desarranjo das memórias, desmantelo cognitivo e dissonância das percepções. Não à toa, aqueles que invocam as palavras de força no cair da noite, ritualizam a vida e seus ciclos com cantos, dança, plantio, colheita e festa para permanecer criança, virar bicho, vibrar folha e desaguar nas marés do tempo. São os mesmos que acionam a memória e a ancestralidade como tecnologia e política diante do desencante. (Idem, 2021: 24).

Oxum, água dourada que se derrama sobre os nossos corpos. Dona da beleza, da força, do encantamento, que faz Janainas, Yaras, sereias encantadas. Doce mãe dessa gente ribeirinha, doce e serena, que se mescla entre os quereres e os saberes. Senhora que ao entardecer transforma o rio em sons de todas as vozes silenciadas pelo terror dos afogados. Senhora que possibilita aos pescadores, irem ao encontro dos peixes.

O céu alaranjado e ou rosado, muda a cor do rio, é Iansã, que depois de um dia soprando ventos leves e brisas que mornam o calor do sertão, beija a água e a põe para adormecer. Nos ofertando borboletas em toda nossa caminhada, na beirada ou dentro do rio. Oyá nos acompanha, nos protege, soprando bons ventos, ela conduz os canoieiros em boa

companhia. Juntas, Oxum e Oyá, são corpos mergulhados nas indefinições, nas interrogações, servindo como pontes contributivas para fazer ciência nas margens da antropologia.

Assim, como Oxumarê, cobra que se camufla, que se molda e se transforma para aquecer e proteger a terra, nas suas continuidades e discontinuidades, nos seus caminhos múltiplos e diversos. Que é senhor dos ciclos e do prolongamento das vidas e existências na terra, a antropologia ribeirinha que eu defendo e proponho, nada tem de direcional, vertical e ou simétrica. É uma antropologia tecida pelo firmamento, pelas conjunturas anexadas horas pelo presente, hora pelo passado.

É uma antropologia que margeia a aprendizagem fio a fio, cruzada nas multiplicidades dos caminhantes, dos navegantes, dos marinheiros que zanzeiam pelo rio a dentro. A antropologia ribeirinha, é feita pelo que é visto, sentido, sonhado, ouvido, sem se desprender do cotidiano, campo formoso de invenções e mandingas.

É fincada sua encruzada com a memória, com a ancestralidade, sem deixar os corpos formosos que encantam nos dias de hoje fora do alcance da narrativa. É preciso saber quem fala e com quem fala, para saber como ouvir e com quem ouvir.

É uma antropologia que se expressa através das múltiplas vivências que fui adquirindo ao longo da existência, que se dá na base do alargamento dos pertencimentos comunitários, familiares, nos ciclos sempre abertos das amizades e de um rio que se opõe e que contra-ataca as múltiplas guerras travadas pelo poder colonial.

É uma antropologia feita no chão, no caminhar, no rastejar da cobra que serpenteia abrindo frestas por onde escorrem todas as formas de conhecimento, de vivência, de transbordamento de mundos. A cobra é contradomesticação, é decolonização, é diversidade, medo, arrepio e beleza. É reinvenção de rotas, de ambientes, de paisagens. É liberdade, como livre vivi na infância junto do rio. E assim:

Se tem algo que eu persigo desde quando me percebi adulto, alterado pelo acúmulo de coisas apresentadas ao longo do tempo, é caçar nessa “adultice” o menino que ainda sou. Não é porque uma pessoa tem a idade que for que ela deixa de ser o que ela era quando estava nisso que convencionamos chamar de infância. A sabedoria de rodopiar nas voltas dessa espiral conhecida como existência está exatamente na capacidade de encontrar a meninice no velho e a força do tempo naquilo que é movido pela curiosidade, pela brincadeira e pelo descobrimento das coisas. (Ibidem, 2021: 58).

Neste sentido, os atores que me ajudam a forjar esta antropologia ribeirinha estão em todos os lugares, em todos os ciclos e movimentos. Estão mergulhando e firmando seus pontos em baixo da água. Estão a dançar, segurando seus marafos, na beira do rio. Estão a soltar suas fumaças vindas dos seus cachimbos, sentados na poupa de uma canoa. Estão sentadas nas beiras, lavando as roupas dos seus pequeninos, meninos e meninas levadas, feitos erês, como Nanã, lavando os mantos de Oxumarê.

São homens que travestidos de pescadores, cruzam o rio e se lançam sobre marés mansas e calmas, mas que ao cair da noite retomam com suas canoas vazias e ou por sorte e pacto com as mães d' água, tem peixe para dar, vender e comer. São jovens que correndo de um lado para o outro, encontram na bola, maneiras outras de driblar o tempo, a ausência de encanto e de desassossego, os caboclinhos que com a lança não mão se lança a toda sorte, coragem e sortilégio. É na abertura de caminhos que crianças brincam de canoa e desatam o nó para virem a ser, grandes canoeiros.

O povo que vem para a canjira é formado pelos reis da noite, barões e rainhas da rua, maltrapilhos, molambos, malandros de toda estirpe, homens valentes que cavalgam nas asas do vento, lançadores de infortúnios, seres de encanto, multinatuais, sobreviventes, ora homens e mulheres, ora peixes, vitórias-regias, que manifestam suas existências nas floradas dos jatobás e sucupiras. São frutos de toda cor e sabor. Baixam por aqui também princesas de além-mar, que na travessia cruzaram com as nossas mães d' água ou vestiram a casa de pena das ararinhas. Existem aqueles que caminham a passos lentos, mas na hora necessária são os que dominam o touro brabo na unha e mesmo estremecendo não param de andar. São os matutadores de linguagens do tempo, desatam os nós do pensar o pensar, cismam com as existências e os conhecimentos, fazem com que na canjira não se crie canjerê. (SIMAS e RUFINO, 2018: 09-10).

É uma antropologia ribeirinha, porque de fato e de direito, ela foi sendo tecida, dia após dia, noite após noite tendo o rio como janela aberta para o tempo, preenchido por várias formas de conhecimento.

Da varanda e ou terraço da casa dos meus pais, o rio continua a produzir questionamentos, como uma boca que tudo come, mas que também quase tudo não engole. Como um corpo múltiplo que muita coisa dá, mas pouca coisa pede. Ele faz de suas curvas, esquinas onde se dobram força e ventania. Seus morros e serras são centros curvilineos de múltiplos saberes, vidas e olhares. Suas águas esculpidas no feminino são formas miúdas de

olhar para o presente e tecer marés que desaguem no futuro e que possam ser sentidos nas miudezas das profundezas de cada ser.

É no alinhave da sabedoria de uma ciência encantada, aquelas em que nossos povos cedem os corpos para manifestá-las, que mergulhamos. É nas perspectivas dos modos de sentir/faze/pensar das múltiplas presenças, culturas, gramáticas e educações das macumbas que trançaremos nossas esteiras e nos colocaremos para espiar o cair da tarde. (Idem, 2018: 10).

Que no trançar das linhas que estão sempre sendo feitas e refeitas, abertas para a vida e para o futuro, que todos e todas possam compreender, que eu estou para além de produzir tão somente uma antropologia ribeirinha do Baixo São Francisco, é também tentativas inúmeras de romper com as amarras que nos prendem. Para pensar a nós mesmos e os outros como pertencentes a uma única teia de conhecimento, saberes e práticas de pesquisa.

Referências

DAVID-MÉNARD, Monique. 2022. *A vontade das coisas: o animismo e os objetos*; traduzido por Raquel Camargo; prefácio de Virginia Ferreira da Costa. São Paulo: Ubu Editora.

FERDINAND, Malcom. 2022. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Tradução Letícia Mei. – São Paulo: Ubu editora.

GROS, Frédéric. 2021. *Caminhar, uma filosofia*; traduzido por Célia Euvaldo. Imagens de Anna Maria Maiolino. São Paulo: Ubu Editora.

INGOLD, Tim. 2022. *Linhas: uma breve história*. Tradução de Lucas Bernades.- Petropolis, RJ: Vozes.

INGOLD, Tim. 2015. *Estar Vivo: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*; tradução de Fabio Creder. Petropolis, RJ: Vozes.

KRENAK, Ailton. 2022. *Futuro ancestral*. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras.

KRENAK, Ailton. 2020. *Ideias para adiar o fim do mundo*. – 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras.

MOL, Annemarie. 2002. *The Body Multiple: ontology in medical practice*. Durham and London: Duke University Press.

RUFINO, Luiz. 2021. *Vence-Demanda: educação e descolonização*. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Mórula.

RUFINO, Luiz. 2019. *Pedagogia das Encruzilhadas*. – Rio de Janeiro: Mórula.

SHELDRAKE, Merlin. 2021. *A trama da vida: como os fungos constroem mundos*. – São Paulo: Fosforo/ Ubu editora.

SILVA, Igor Luiz Rodrigues da. 2022. *Há um rio que vive e navega em meus sonhos, um preto velho me contou: memórias, paisagens e práticas do São Francisco nas ruínas do Antropoceno*. Disponível em: <file:///C:/Users/alago/Downloads/PASO0564-T.pdf>

SIMAS, Luiz Antonio. 2021. *O corpo encantado das ruas*. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. 2019. *Flecha no Tempo*. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Mórula.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. 2018. *A ciência encantada das macumbas*. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Mórula.

TSING, Anna Lowenhaupt. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespecies no antropoceno*; edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. - Brasília: IEB Mil Folhas.

VERGÈS, Françoise. 2020. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora.